

***As implicações da educação para o progresso moral da
humanidade segundo Immanuel Kant***
THE IMPLICATIONS OF EDUCATION FOR THE MORAL PROGRESS OF
HUMANITY ACCORDING TO IMMANUEL KANT

Luciano da Silva Façanha *
Zilmara de Jesus Viana de Carvalho **
Evilásio Barbosa da Silva ***

RESUMO

Muito embora, Kant não seja considerado um teórico da educação, percebemos que o arcabouço teórico de sua obra filosófica, contém significativas reflexões que tratam da temática. Essas contribuições vêm influenciando ao longo do tempo diversas tendências e teorias do campo pedagógico. Acreditamos que as ideias kantianas relacionadas à educação ainda estão completamente distantes de seu esgotamento, de maneira que o estudo dessas temáticas pedagógicas se apresenta como um terreno fértil para pesquisadores e estudiosos que desejam obter subsídios e referenciais vantajosos para a reflexão de suas práticas relacionadas aos desafios que se impõem na atualidade. Por isso, este artigo tem como principal objetivo, estabelecer uma reflexão profícua sobre as implicações educacionais, na perspectiva do filósofo Immanuel Kant, para o progresso moral da humanidade.

PALAVRAS-CHAVE: Kant; Educação; Autonomia; Progresso moral.

ABSTRACT

Although Kant is not considered a theorist of education, we realize that the theoretical framework of his philosophical work contains significant reflections that deal with the theme. These contributions have influenced over time several tendencies and theories in the pedagogical field. We believe that Kantian ideas related to education are still completely far from being exhausted, so that the study of these pedagogical themes presents itself as a fertile ground for researchers and scholars who wish to obtain subsidies and advantageous references for the reflection of their practices related to the challenges

* Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

** Professora do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

*** Mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

that are imposed today. Therefore, the main objective of this work is to establish a fruitful reflection on the educational implications, from the perspective of the philosopher Immanuel Kant, for the moral progress of humanity.

KEYWORDS: Kant; Education; Autonomy; Moral progress.

Introdução

Sabemos que o sistema filosófico desenvolvido por Immanuel Kant, contempla uma série de reflexões sobre as mais variadas temáticas que diz respeito ao ser humano como: a teoria do conhecimento, a história, a ética, a política, o direito, a estética e, também, a educação. Porém, pelo menos aparentemente, esta última em relação às anteriores, parece sofrer uma certa desvalorização em detrimento das demais ou até mesmo ser pouco estudada pelos pesquisadores de Kant. Talvez, porque o tema educação, ainda seja visto com um certo preconceito dentro dos cursos de Filosofia. No entanto, uma leitura um pouco mais apurada dos textos do alemão nos mostra que sua obra está recheada de temas importantes que tratam da educação, a servir de luz e inspiração para as questões contemporâneas referentes a esta área tão nobre e cara aos seres humanos.

Não se pode negar que os temas de educação propostos por Kant em sua obra ultrapassaram gerações chegando na contemporaneidade surtindo efeitos benéficos, a influenciar uma gama de intelectuais como Jean Piaget, Maria Montessori, John Dewey, entre outros representante do construtivismo. Da mesma forma, muitos educadores se inspiram nos seus pressupostos para a reflexão de novas práticas que promovam uma educação que leve em consideração o educando como sujeito de sua aprendizagem através da autonomia de pensar por si mesmo e de manifestar-se publicamente como um ser pensante.

Conceitos relevantes de sua filosofia como: esclarecimento, autonomia, liberdade, exercício público da razão, entre tantos outro, tem ultrapassado as fronteiras do tempo a servir de fundamentos para uma grande variedade de tendências e correntes pedagógicas vigentes na contemporaneidade. Por isso mesmo pretendemos apresentar neste trabalho algumas de nossas reflexões sobre as implicações da educação, segundo Kant, para o progresso moral da humanidade.

Para o cumprimento desta tarefa utilizaremos como método a investigação bibliográfica fundamentalmente teórica, pautado na interpretação crítico/reflexiva através da análise hermenêutico-filosófica dos textos. Em relação ao percurso a seguir, estabeleceremos inicialmente uma compreensão da forma como se deu o desenvolvimento intelectual e pedagógico de Kant como estudante, professor e pesquisador; para em seguida identificarmos as nuances pedagógicas contidas em sua filosofia da história; posteriormente refletiremos sobre o seu conceito de esclarecimento no afã de encontrar possibilidade pedagógicas claras no que se refere à contribuição para o progresso moral da humanidade; e finalmente tentaremos demonstrar os fundamentos educacionais que poderão possibilitar as condições necessárias para auxiliar o progresso moral da espécie humana.

Não será nossa intenção esgotar o tema aqui apresentado, nem transformar o filósofo de Königsberg um teórico da educação, pois temos plena convicção de que não o é, mas apenas pretendemos levantar algumas questões consideradas frutíferas, na nossa compreensão, como ponto de partida para outras pesquisas nessa mesma linha de raciocínio apresentada por Kant. Justamente por considerarmos que os aspectos abordados por Kant, em relação à educação ainda possui um imenso potencial a ser explorado, e também por ainda percebermos que há uma certa escassez a respeito desta temática nas pesquisas relacionadas ao nosso filósofo,

creditamos a este artigo a abertura de um caminho seguro para continuarmos aprofundando este tema em outras pesquisas futuras.

1. O desenvolvimento intelectual e pedagógico de Immanuel Kant

O grande filósofo alemão, Immanuel Kant sempre recebe destaque como um dos pensadores mais importantes e brilhantes da história da filosofia, com todo mérito, devido à profícua elaboração do seu sistema inovador e revolucionário que marca consideravelmente o pensamento ocidental por meio de sua filosofia crítica, a romper com a arcaica metafísica dogmática, inaugurando o racionalismo transcendental. Sabemos que Kant possui uma vasta e robusta produção intelectual que aborda variados temas que tratam de diversas problemáticas como: epistemologia, ética, história, política, direito, estética e, inclusive, educação. Porém, diante de todo esse arcabouço filosófico, temos a ligeira impressão de que esta última, em relação às demais, parece ser a menos comentada, ou, até mesmo, menos pesquisada pelos estudiosos do referido filósofo, talvez porque o tema educação, ainda seja considerado pelos pesquisadores de filosofia algo menor dentro da academia. Mas, o fato é que a obra filosófica de Kant, embora não de maneira muito explícita, está imbuída de questões voltadas para a educação, haja vista a sua celebre frase: “O homem só se pode tornar homem através da educação” (Kant, 2012, p. 12). Ao fazer uma análise mais apurada de sua obra podemos perceber que o tratamento de questões educacionais em seus escritos, vai muito além de fatores formais ou teóricos preocupando-se com abordagens que levam em consideração o ser humano e a sua prática no contexto histórico e social. Nossa intenção no início deste trabalho é tentar demonstrar o quão significativo foi para Kant, as reflexões sobre a

educação apresentando vários aspectos de suas reflexões para esta temática, de maneira que possamos perceber que estas duas dimensões, a filosófica e a pedagógica, estão conectadas no autor. Para isso, seguiremos como trilha a análise de seu desenvolvimento intelectual e pedagógico a percorrer, de forma muito sucinta, sua trajetória como estudante e posteriormente como educador, levando em consideração a influência de sua formação familiar, religiosa, escolar e acadêmica.

O período iluminista conhecido também como século das luzes ou da ilustração, durante o século XVIII, promoveu o enaltecimento da razão e do progresso da técnica e da ciência como uma grandiosa possibilidade de resolução dos problemas da humanidade. O excesso deste otimismo encontra raízes no período renascentista no qual iniciava um processo de transformação da consciência humana que antes estava dominada pelo pensamento medieval. Além da promoção da técnica, da ciência e, também, das artes, essa obsessão por este suposto poder da razão, apostava de maneira bastante significativa no progresso moral da humanidade no afã de alcançar a plena felicidade dos humanos como se fosse uma espécie de “paraíso terrestre”, de maneira que diante dessa aura tão esperançosa entre os intelectuais da época, podemos considerar esse momento como um dos mais otimistas da História. É nesse contexto que nasce Immanuel Kant, em 22 de abril de 1724 na cidade de Königsberg, que ficava situada na parte oriental do Império prussiano. Devido ao fato dessa cidade está localizada em uma região portuária onde ocorria uma intensa movimentação comercial de mercadorias e manufaturas, e por isso possuir uma forte característica cosmopolita, ela era considerada a cidade mais importante do império. É muito provável que este fator tenha influenciado, posteriormente, o pensamento de Kant no que se refere ao cosmopolitismo. Abordando mais um pouco sobre sua biografia, seus pais eram Johann Georg Kant e Anna Regina Reuter, de origem bastante humilde, Johann trabalhava como artesão de couro enquanto sua esposa

cuidava das tarefas do lar e dos seus cinco filhos. Certamente, Kant recebeu forte influência de seus pais na sua formação e construção de caráter, sobretudo de sua mãe, que embora tenha falecido muito cedo, quando Kant possuía apenas quatorze anos, deixou fortes marcas no desenvolvimento de sua personalidade, pois foi ela a grande responsável pela sua formação intelectual, moral e religiosa. Há relatos de que Regina era uma mulher de personalidade austera, doce, meiga e sensível aos fenômenos da natureza, educando os seus filhos nessa direção de contemplação. Ao recordar de sua mãe em uma conversa com um de seus primeiros biógrafos chamado Jachmann, Kant fez o seguinte comentário:

Eu jamais me esquecerei de minha mãe, pois ela plantou e nutriu em mim o primeiro germe do bem; ela abriu meu coração às impressões da natureza; despertou e ampliou os meus conceitos, e suas doutrinas tiveram uma influência duradouramente salutar na minha vida (Vorländer *apud* Dalbosco, 2011, p. 17).

A religiosidade vivenciada na família de Kant, é um outro fator preponderante e decisivo de sua formação que vale muito a pena ser destacado para compreendermos melhor as raízes de seu desenvolvimento humano, moral e intelectual. Sua mãe, Anna Regina, era uma protestante pietista muito fervorosa, o pietismo era uma linha do protestantismo, muito radical, nascido no século XV dissidente do luteranismo alemão, era a religião mais praticada em Königsberg, de maneira que além de exercer influência muito forte nas famílias da cidade, influenciava, também, todo ambiente escolar e acadêmico daquela região, especialmente por conta da presença ilustre do professor de Teologia da Universidade de Königsberg, Franz Albert Schulz, que além de pastor, posteriormente, tornou-se diretor do Collegium Fredericianum, instituição na qual Kant foi estudante antes de entrar na universidade.

1.1. Kant como estudante

Aos oito anos de idade, Kant ingressa no Collegium Fredericianum, no ano de 1732 onde passou oito anos sob os ensinamentos rigorosos do professor Schulz e mais outros trinta professores, até à conclusão dos estudos. Dentre estes, um se destaca e chama bastante a atenção de Kant, pela sua metodologia de ensino, que se diferencia dos demais colegas, seu nome é Johann Friedrich Heydenreich. Este professor foi o grande responsável em iniciar o pequeno Kant, na leitura dos clássicos latinos e gregos através do seu método diferencial, que extrapolava à formalidade dos estudos gramaticais, que era uma exigência da escola, para penetrar na análise dos conceitos, de maneira que a atividade pedagógica fizesse muito mais sentido para os estudantes. A partir de então, com a influência de Heydenreich, Kant inicia o seu processo de análise apurada dos textos formando as bases do que será no futuro a principal ferramenta para a produção de suas principais obras.

No contexto pedagógico em que Kant estava inserido em Königsberg predominava os ensinamentos da religião cristã influenciada pelo pietismo que era a denominação religiosa preponderante naquela cidade, por isso a carga horária dos estudantes do Collegium Fredericianum estavam organizadas em sete horas diárias de aula divididas em quatro pela manhã, e três à tarde, ou seja, das 7h às 11h, e das 13h às 16h, sendo que na primeira etapa do dia o foco dos estudos eram direcionados à religião e ao latim, e na segunda parte os estudos ficavam por conta da matemática, caligrafia e outras matérias. Resumindo, fica bastante claro diante do exposto até o momento, que a predominância da formação escolar daquele período estava fundamentada nos ensinamentos cristãos e no estudo da língua latina com a utilização de um método pedagógico bem distante daquele utilizado pelo professor Johann Friedrich Heydenreich.

Desse modo, catequização religiosa e formalização do conteúdo, aliadas ao método baseado na disciplina e nos castigos corporais, marcavam um tipo tradicional de ensino, ancorado exclusivamente na pedagogia da memorização [...]. Neste sentido, a repetição é a principal estratégia da pedagogia da repetição, a qual exige, de modo geral, um comportamento meramente passivo do aluno. Além disso, ela pressupunha uma compreensão filosófica da mente humana, concebida como estrutura fixa, que será incompatível, mais tarde, como ainda veremos, com o núcleo crítico da filosofia transcendental (Dalbosco, 2011, p. 22).

Após oito anos de estudos, no ano de 1740, Kant concluiu a sua formação propedêutica no Collegium Fredericianum, ingressando logo em seguida na Universidade de Königsberg, conhecida também como Albertina, onde optou por dar ênfase em estudar aquilo que era mais de seu agrado, e que não fora contemplado na sua passagem no Collegium Fredericianum, como matemática, ciências naturais, e, sobretudo, filosofia. A Albertina era considerada uma grande e respeitada universidade dentro daquele contexto da época, levando em consideração a atmosfera intelectual alemã que ainda estava em processo de desenvolvimento, muito distante ainda daquilo que conhecemos da Alemanha atual em termos de produção acadêmica, porém, a Universidade de Königsberg já marcava uma grande presença na região em que estava situada. Talvez, um dos fatores que justifique a grandeza e a importância da Universidade de Königsberg, no que se refere ao prestígio e a produção acadêmica, altamente respeitada por toda a região, seja a sua localização geográfica, que ficava mais precisamente situada no lado leste do império entre as duas maiores universidades, de maneira que

atraia uma multidão de estudantes que compreendia toda aquela região, incluindo países vizinhos e alguns outros da região báltica. Como uma boa universidade não se faz sozinha, mas com a combinação de bons professores e estudantes, além de uma boa estrutura física e pedagógica, é claro, queremos destacar a figura do professor Martin Knutzen, que certamente foi de grande influência e inspiração para Kant tanto na sua jornada como estudante acadêmico, quanto na sua trajetória como professor e pesquisador.

Apesar de ter tido uma vida curta, a falecer precocemente aos trinta e oito anos, Knutzen deixou o seu legado a servir de grande referência a muitos de seus alunos da Universidade de Königsberg. Martin Knutzen foi uma das principais personalidades da Albertina devido ao seu robusto conhecimento filosófico da tradição racionalista oriunda dos pensadores alemães, Gottfried Wilhelm Leibniz e Christian Wolff, bem como a sua qualidade acima da média, como professor de Lógica e Metafísica, de maneira que seus alunos se sentiam privilegiados e orgulhos por tê-lo como mestre.

Além de sua inteligência e profundidade de raciocínio, Knutzen possuía duas outras qualidades que imediatamente atraíram Kant: primeiro, tornou-se *Professor*, muito jovem, com apenas 21 anos de idade, sendo, portanto, apenas dez anos mais velho do que seu aluno. Segundo possuía uma característica pedagógica que certamente marcou Kant, a saber, a capacidade de pensar por conta própria [...]. Tal característica se apresentava para o então jovem estudante como grande novidade, considerando o aspecto rigorosamente formal e repetitivo, pouco original e criativo, de seus anos de formação escolar (Dalbosco, 2011, p. 24).

A metodologia pedagógica utilizada pelo professor Knutzen, que deixava de lado a repetição e a decoreba, dando maior liberdade para o aluno buscar o conhecimento através da pesquisa e da própria

interpretação, fez com que Kant, já desde no início da sua vida acadêmica, organizasse o seu próprio plano de estudos e metas, de forma muito independente de maneira que essa prática adquirida enquanto era estudante, o acompanhará por toda a sua vida intelectual como pesquisador, escritor e professor. Certamente o modelo de ensino de Knutzen, bem como a elegância e a clareza de expor as suas aulas, serviu de grande base para Kant tornar-se um respeitado e admirado professor.

1.2. Kant como professor

Após a conclusão de sua formação universitária, o jovem Kant iniciou a sua carreira docente com aproximadamente vinte e poucos anos de idade, como preceptor e só posteriormente iniciaria a sua carreira de professor universitário. Nessa época, Kant já havia adquirido o título de doutor, mas optou em trabalhar no campo exercendo a preceptoria talvez por questões econômicas, visto que por aproximadamente sete anos, ele viveu financeiramente desse trabalho, morando em casa de famílias nobres que podiam pagar professores particulares para a educação de seus filhos, ou quem sabe, para adquirir, também, mais experiência pedagógica e bagagem cultural e intelectual, já que desse ponto de vista podemos imaginar que a

Preceptoria oportunizou-lhe a convivência diária com costumes e modos refinados de ser e viver. O fato de ter morado alguns anos na casa de uma família nobre, Kant teve a oportunidade de observar e seguir os costumes habituais referentes, por exemplo, ao modo de vestir, de se alimentar e de se comportar socialmente. Não há dúvida que esses são anos de aprendizado que também o habilitarão a exercer, futuramente, com muita desenvoltura, o papel de anfitrião elegante e cordial, junto à mesa de almoço diário com os seus convidados. Confrontado cotidianamente com formas refinadas de comportamento, Kant foi levado a despertar seu talento nato pela sociabilidade e pela boa companhia, inteligente e agradável (Dalbosco, 2011, p. 26).

Um outro fator importante a ser salientado em relação a esses seis anos de preceptoria, foi todo o aparato estrutural que o cercou durante esse período com acesso a boas bibliotecas e tempo ocioso, após as lições ministradas a seus alunos, para poder aprofundar cada vez mais os seus estudos, fornecendo-lhe um robusto amadurecimento intelectual, de maneira que o possibilitou formar as bases para a sua futura produção filosófica, assim como preparar-se para realizar um dos seus grandes sonhos, que era se tornar professor da Universidade de Königsberg, como de fato ocorreu em 1755. Isso sem falar que estes anos bem aproveitados de quietude onde pôde exercer a pesquisa com mais afinco, serviu como um espécie de “treinamento” para o período da década de 70 do século XVIII, que ficou conhecido como “década silenciosa” onde Kant ao longo de dez anos, se recolheu para aprofundar as suas pesquisas e elaborar a *Crítica da razão pura*, a principal obra de sua carreira, assim como as duas seguintes que são fundamentais em importância filosófica, a saber, a *Crítica da razão prática* e a *Crítica da faculdade de julgar*. Logo, podemos perceber o quão produtivo foi para Kant essa experiência pedagógica como preceptor, mesmo que posteriormente ele não a reconheça, e até estabeleça críticas a esse período, podemos conjecturar que possivelmente, a sua produção filosófica, talvez até poderia ter tomado outro rumo caso ele optasse por não ser preceptor antes de enveredar para o caminho do ensino universitário na Albertina.

Embora Kant tenha se manifestado mais tarde de modo negativo em relação ao seu tempo de preceptoria, afirmando que ele teria sido o pior preceptor do mundo, devemos considerar a possibilidade de que esses anos teriam contribuído fortemente para sua formação pedagógica, permitindo-lhe confrontar, permanentemente, ainda que de modo intuitivo, sua condição de filósofo com a de pedagogo dedicado à formação de crianças e adolescentes. O forte argumento que temos a nosso favor, mesmo contrariando o próprio depoimento de Kant, é que ninguém pode passar ileso, ainda mais alguém com a sensibilidade intelectual e pedagógica, como ele, de uma experiência de mais de seis anos (Dalbosco, 2011, p. 27).

O início das atividades de Kant como professor da Universidade de Königsberg, lembra muito àquela passagem bíblica da parábola do grão de mostarda, onde Jesus comparou o reino de seu pai a essa semente que no início parece ser tão insignificante por ser tão minúsculo, porém ao crescer se torna uma das mais longas e belas árvores¹. É dessa forma que o nosso filósofo chega na Albertina, de maneira bastante discreta, com sua estatura franzina, fala mansa e jeito tranquilo, características estas que talvez não tenha chamado muito a atenção da comunidade acadêmica daquela instituição. Porém, tendo passado um curto período de sua estadia na Universidade, logo as turmas que no início eram quase vazias deram lugar a uma grande quantidade de alunos que ao saber da fama do Professor Kant que apesar de metódico e profundo nas suas aulas, não deixava de ser agradável, atencioso e muito bem humorado, isso sem falar no seu método inspirado no Professor Martin Knutzen, de interpretação livre dos textos deixando com que os alunos exercitassem a capacidade intelectual de pensarem por si mesmos, de maneira que o seu papel enquanto educador seria o de direcioná-los à aprendizagem e ao desenvolvimento de suas potencialidades.

Depois de muitos anos de sua vida dedicados à educação e à pesquisa filosófica, em 1797 Kant aposenta-se da sala de aula no memento em que já era mundialmente reconhecido pelos seus feitos como filósofo e educador. Podemos perceber que a temática educacional perpassa, mesmo que intrinsecamente ou de forma discreta, em todo o conjunto de sua obra, especialmente nos seus textos chamados populares, por exemplo, é possível verificarmos isso nos textos que se referem à filosofia da história onde o autor demonstra muito claramente a sua preocupação com o melhoramento da espécie humana através das gerações. É disso que procuraremos tratar no próximo capítulo deste trabalho, de maneira

1 c.f. Mt 13, 31-32; In: Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

suscinta e panorâmica, onde tentaremos apontar os aspectos educacionais contidos na filosofia da história de Kant.

2. A filosofia da história de Kant e a educação

Após anos de reclusão para o aprofundamento de estudos e pesquisas (o que ficou conhecido como a década silenciosa) que resultou na elaboração de um de seus principais livros, ou seja, *Crítica da razão pura* (1781), Kant dedicou-se a produzir entre os anos de 1784 e 1786, alguns escritos sobre a história que foram elaborados em formato de artigos e publicados nos principais periódicos alemães, em especial na revista mensal, *Berlinische Monatsschrift* (MENEZES, 2010). Dentre estes textos, podemos destacar alguns dos quais trataremos neste capítulo e no próximo, a saber: *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita* (1784), *Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento* (1785) e o *Começo conjectural da história humana* (1786), além de outros.

Acredita-se que a motivação de Kant para a produção desses textos tenha sido, talvez, a falta de compreensão, ou a má interpretação de alguns intelectuais da época em relação às abordagens filosóficas contidas na Primeira Crítica, de maneira que gerou uma série de debates e discordâncias acerca dos temas trabalhados na referida obra. Diante dessa situação, Kant parece ter sentido a necessidade de esclarecer alguns pontos e aprofundar outros no intuito de solucionar as incompreensões em relação às bases de seu projeto filosófico. Talvez não fosse sua intenção, mas o fato de ter elaborado todos esses textos, o levou a ser considerado por muitos estudiosos, como o fundador da filosofia da história alemã, principalmente no que se refere ao texto *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*, considerado o texto inaugural dessa

nova área de estudos. Além do mais, estes escritos parecem ter se tornado, de certa forma, uma espécie de preparação para uma série de outros problemas a ser abordados como: liberdade, vontade, dever, moral, direito, teleologia e educação.

Diante do exposto, nossa tentativa nesse capítulo será apontar os aspectos educacionais contidos na filosofia da história de Kant, mesmo que de forma implícita, através de uma análise cuidadosa e atenta desses textos, a evitar ao máximo o distanciamento da ideia genuína do autor no intuito de ser fiel à sua proposta, porém com a devida licença para a possibilidade de nossa livre interpretação, como um processo de iniciação filosófica valendo-se da autonomia intelectual, característica tão cara ao Professor Kant, como já observamos.

2.1. Conjectura da história humana e a educação

A ideia de promover uma reflexão filosófica sobre os primórdios da história da humanidade através de uma conjectura de maneira a estabelecer o seu devido limite sem se deixar perder em ficções utilizando-se apenas do livre curso da imaginação, foi algo genial por parte do filósofo de Königsberg. Ao utilizar a narrativa bíblica contida no livro de Gênesis², como fio condutor, por considerá-la o documento mais antigo e por isso mesmo digno de crédito (Menezes, 2010), Kant deu início a uma série de temáticas importantes acerca da história da humanidade, bem como uma gama de novos conceitos a serem refletidos até os dias atuais.

Segundo o relato de Kant, conduzido pela passagem bíblica do início do livro de Gênesis, o homem vivia em meio ao paraíso em perfeita

² É importante ressaltar que a narrativa bíblica utilizada por Kant, serve apenas como um parâmetro, ou seja, uma forma de conduzir a sua reflexão filosófica sobre a conjectura do início da história da humanidade por meio de uma analogia.

consonância com a natureza e exclusivamente sob a sua tutela onde imperava o instinto. Sua vivência era provida de toda subsistência necessária, fornecida pela natureza de maneira que vivia muito bem. Nesse período descrito pelo filósofo, o homem já possuía a capacidade de andar de forma ereta, de se comunicar de forma lógica e também de pensar, ou seja, já trazia consigo o potencial para o desenvolvimento da moral. A partir do momento em que a razão começa a dar os seus primeiros sinais de aparição, o homem inicia o seu processo paulatino de afastamento da natureza, utilizando cada vez mais o mecanismo da imaginação a provocar novos desejos artificiais oriundos de uma falsa necessidade, ou seja, antinaturais, que ao se converter ao supérfluo foi evoluindo da concupiscência à voluptuosidade. Assim ao “abrir os olhos” e iniciar a contraposição à natureza ele se encontra meio que perdido diante das novas possibilidades apresentadas pelo mundo da racionalidade, tendo que lidar agora no âmbito da liberdade, sem nenhuma experiência, com o universo difuso das escolhas.

Ele descobriu em si uma faculdade de escolher por si mesmo sua conduta e de não estar comprometido, como os animais, com um modo de vida único. À satisfação momentânea que a descoberta dessa vantagem lhe causou, imediatamente seguiram-se ansiedade e medo: como ele que ainda não conhecia de nenhuma coisa as qualidades ocultas e os efeitos distantes, poderia servir-se daquela qualidade recém descoberta? Ele se encontra, por assim dizer, à beira de um abismo, porque mais além dos seus objetos de desejo, que até então dependiam do instinto, abria-se lhe, agora, uma infinidade de opções, dentre as quais não sabia ainda escolher; e, uma vez tendo provado esse estado de liberdade, tornava-se para ele impossível, doravante, volver à servidão (sob o domínio do instinto) (Kant, 2010, p. 19).

A própria natureza em sua sabedoria tratou-se de promover as condições para o acontecimento dessa fissura entre o instinto e a razão. O resultado dessa cisão ocasionou a liberdade, que é condição *sine qua non* para o progresso moral da humanidade, contudo, com o nascimento da liberdade surge também o mal como algo inesperável da liberdade no ser

humano, interpretado como mais uma artimanha da natureza para o progresso humano. Dessa forma, em se tratando da maldade enquanto derrocada do homem, contraditoriamente, parece ser a ascensão de um novo momento para a história da humanidade. É nesse sentido que entra em ação importância de um processo educacional necessário, embora, diga-se de passagem, não suficiente, mas que possa contribuir eficazmente fornecendo as ferramentas que o auxilie a aprender a lidar com suas próprias fraquezas e a fazer boas escolhas.

. É certo de que essa saída do homem da tutela da natureza o fez se sentir totalmente perdido como uma folha seca ao vento, isso devido à sua total inexperiência em saber lidar com a liberdade de poder escolher, de maneira que sem um processo educativo ele estaria fadado, quase sempre, a fazer más escolhas, pois sua condição humana é propensa a isso, embora também possua disposição para o bem (Kant, 2008). A razão em seu processo de movimento deu demonstrações, de maneira latente da necessidade de educação no processo de formação do homem enquanto ser racional. Para refletirmos um pouco mais sobre o fenômeno educacional enquanto possibilidade, verificamos, de acordo com Kant (2010), que a primeira interferência da razão no homem, com a ajuda da imaginação, provocou de modo artificial novos desejos completamente distintos da necessidade natural contrapondo-se diretamente a ela, isso fica perceptível na analogia do primeiro casal bíblico quando desobedecem a Deus e se sentem tentados a comer o fruto proibido, que por intermédio da visão, os fizeram lembrar de outros frutos degustados ocasionando a curiosidade e conseqüentemente a faculdade de escolha, de forma que essa má escolha foi o início da decadência física do primeiro casal que a partir daquele momento de “abertura dos olhos” terão que arcar com as conseqüências de suas escolhas. Implicitamente podemos pensar que daquele momento em diante, o germe do fenômeno educacional fica em potência, pois a humanidade necessitará se reeducar constantemente para

aprender a lidar com a liberdade e saber utilizar a faculdade de escolha sem causar tantos danos a si.

Outro movimento importante de interferência da razão é o instinto sexual que é justamente aquele que possui o poder de conservar a espécie, além de germinar o acontecimento da vida em sociedade. Por intermédio dele, logo o homem percebeu a possibilidade de prolongamento desse estímulo a contar com o auxílio da imaginação, o que difere totalmente dos animais que instintivamente sentem uma impulsão apenas passageira de forma periódica. Essa forte característica de manter uma inclinação mais pujante e prolongada, à medida que o objeto de desejo é subtraído aos sentidos já demonstra uma certa superioridade da razão consciente em relação aos impulsos (Kant, 2010). Essa mobilidade foi responsável em conduzir o homem partir dos estímulos sensuais aos estímulos ideais, intermediada pela renúncia, enquanto artifício da razão, o que o levou, de forma paulatina, do apetite animal ao amor, e, conseqüentemente do estritamente agradável ao gosto do belo, que iniciou somente no homem e posteriormente na natureza, inaugurando as bases da origem da socialização e por consequência também da educação que a partir do surgimento da vida em sociedade, torna-se um fenômeno indispensável para a organização social e o desenvolvimento dos indivíduos. Vale destacar que esse ato de renúncia aos instintos naturais em direção à razão provocou no ser humano um sentimento de dignidade, ou seja, uma forma de proceder de acordo com regras integras, conhecido também como decência, que se apresenta como um fator preponderante para o surgimento da sociedade e, por consequência, de sua educação.

A *decência*, inclinação a provocar com nossas boas maneiras (ao mascarar o que poderia incitar o desprezo) o respeito dos demais, é fundamento autêntico de toda verdadeira sociabilidade, ofereceu também o primeiro sinal de que o homem era capaz de ser uma criatura moralmente educada. Esse foi um

começo tênue, mas fez época por ter imprimido ao pensamento uma nova orientação, e sua importância excede toda a série ininterrupta dos desenvolvimentos sociais que se sucederam (Kant, 2010, p. 20).

O próximo passo da razão desperta o homem, de forma cautelosa, para a consciência da expectativa do futuro que a partir de então, o liberta de estar num constante presente a promover a capacidade de estabelecer planos e metas para a sua vida, de forma organizada, de maneira a afastar-se cada vez mais daquela condição atrelada aos animais, de viver permanentemente no presente. Essa capacidade proveniente da razão confirma a superioridade do ser humano em relação aos demais seres existentes na natureza, de forma a direcioná-lo para os fins mais distantes; porém, em contrapartida, esse movimento da razão torna-se a raiz de constantes preocupações devido ao homem não saber o que esperar de um futuro completamente incerto. No entanto, após o surgimento da consciência da expectativa do futuro, duas certezas o acompanharão por toda a posteridade, a saber: o sustento através do trabalho e o término da vida de cada indivíduo através da morte. Essas duas certezas são totalmente irrelevantes, em termo de conhecimento aos outros seres vivos da natureza; pois, apenas o homem sabe que precisa trabalhar para se manter, assim como possui o conhecimento do fim de sua existência. Na verdade essa “cilada” na qual o homem foi inserido pela razão, longe de ser algo sem propósito, aparece como uma perspectiva da própria natureza para obrigá-lo a superar problemas como a morte e o trabalho, além de outros, com o objetivo de fazê-lo progredir em direção ao seu destino, não como indivíduo, mas enquanto espécie.

O homem é o único animal que tem de trabalhar. Somente depois de muitos preparativos chega o homem ao estado de poder fruir de algo para seu sustento. À pergunta: não teria o céu cuidado de nós mais bondosamente, se nos permitisse encontrar tudo já de tal modo preparado que não nos veríamos obrigados a trabalhar? Deve decerto responder-se como um não: pois o homem requer negócios, mesmo os que acarretam uma certa coação. Igualmente tão

falsa é a ideia de que se Adão e Eva tivessem permanecido sempre no Paraíso nada mais teriam feito que estar sentados lado a lado, cantando canções arcádicas e contemplando a beleza da natureza. O tédio teria sido tão certo como o que torturou outros homens em situação análoga. O homem tem de estar de tal modo ocupado, que, com o propósito que tem em vista realizar dessa maneira, não sinta a si mesmo e que o seu melhor repouso seja aquele que se segue ao trabalho (Kant, 2012, p. 47).

Observamos que em relação ao despertar do homem para a expectativa do futuro, que o acarretou preocupações e incertezas em relação ao que poderá acontecer, subtemos a necessidade de um processo educacional que o capacite a planejar, organizar e definir o direcionamento de sua vida, visto que com esse movimento da razão ele não está mais inserido numa imobilidade temporal como os demais seres vivos da natureza, pois agora possui a consciência da existência um passado, um presente e um futuro que através da educação, o fará descobrir que o tempo pretérito servirá de experiência para que erros de outrora não sejam mais cometidos no presente, assim como os acertos também podem, relativamente, ser repetidos na perspectiva de um melhor planejamento do futuro, no sentido de aprender a fazer boas escolhas por intermédio do bom uso da liberdade para que possa continuar seguindo a trilha indicada pela natureza rumo ao progresso moral da humanidade.

Além do mais, verificamos que com a o despertar da consciência para a necessidade do trabalho, bem como a certeza da finitude da vida, o fenômeno educacional tornou-se fundamental para a produção das condições de exercício laboral no que tange a criação de tecnologias, recursos e ferramentas a serem desenvolvidas para uma constante evolução dessa ação humana a promover cada vez mais uma melhor eficácia nesse ofício de alteração da natureza, que diga-se de passagem será a base para o surgimento da cultura e das modificações das relações sociais ao longo da história. É importante lembrarmos que com a consciência da existência da morte, o processo educacional será essencial

para o repasse de todo conhecimento adquirido para as próximas gerações, afim de que todo este arcabouço de descobertas não se percam com o tempo, mas pelo contrário, se perpetue na humanidade ultrapassando as gerações, de forma que uma após a outra promova, numa linha ininterrupta, o desenvolvimento daquilo que fora recebido, para que cada geração não tenha que sempre recomeçar do zero tudo novamente. Nesse sentido percebemos que o melhoramento moral da humanidade, progride paulatinamente, também, mediante à educação que é um fenômeno essencial e intrínseco, apenas no ser humano.

Finalmente, o último passo da razão cumpriu o papel de despertar no homem, em bora ainda de forma turva, a consciência de que era o fim da natureza, ou seja, um fim em si mesmo. A partir de então, começa a brotar em seu coração ideia de que tudo o que existe na natureza foi criado exclusivamente para o seu dispor de maneira que daquele momento em diante o homem irá perceber-se não mais como uma mera criatura igual aos outros seres da natureza. Agora ao descobrir-se superior em relação às demais criaturas tratou-se de dominá-los como meros instrumentos apresentados ao seu bel prazer para o sucesso de suas intenções. Porém, em relação ao seu semelhante não deveria proceder da mesma forma, pois “deveria considerar todos os homens iguais e coparticipes nos dons da natureza, numa preparação antecipada das limitações que a razão haveria de impor, no futuro, à sua vontade...” (Kant, 2012, p. 22). Isso significa que a boa relação entre os homens deveria ser a base da construção da sociedade numa perspectiva colaborativa e equitativa entre eles de acordo com o plano oculto da natureza que direciona a humanidade a um constante progresso moral rumo ao reino dos fins. Por isso, a importância dessa preparação antecipada no que se refere a harmonia entre os homens para o desenvolvimento da sociedade, visto que a intervenção da razão haverá de impor-se no sentido de estabelecer as devidas limitações na vontade humana que tende a se desvirtuar frequentemente do percurso

apontado pela natureza. Nesse sentido, além da igualdade entre os seres humanos, estes também tornam-se iguais a todo ser racional existente no universo, e como todo ser racional, ele jamais deveria utilizar de seu semelhante como mero meio para beneficiar-se de forma egoísta a favor de projetos individuais conforme a afirmação de uma das fórmulas do imperativo categórico kantiano que diz: “Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na de qualquer outro, sempre e ao mesmo tempo como fim e nunca simplesmente como meio” (Kant, 2007, p. 69).

Nesse último passo da razão que proporcionou no homem a consciência de si como fim último da natureza, entendemos que também fica latente a necessidade da educação como uma ferramenta que irá contribuir com o redirecionamento e autocontrole de sua vontade de maneira que ela não extrapole seus limites utilizando de más escolhas que a leve a conduzir tudo de forma egoísta, a fazer com que muito mais que um fim, os homens sejam utilizados somente como, meios instrumentais para o alcance de projetos meramente pessoais, a promover o desequilíbrio social e todas as mazelas advindas desse mal procedimento.

Ao refletirmos sobre os possíveis aspectos educacionais contidos no opúsculo *Começo conjectural da história humana*, percebemos que com a saída do homem do seu estado de natureza, por intermédio do despertar da razão que o conduziu da animalidade à humanidade, o levou a partir de então afastar-se da tutela dos instintos para adentrar no estado de liberdade. O problema é que o homem não estava ainda preparado para lidar com esse novo horizonte desconhecido, visto que no período anterior quando ele ainda se encontrava sob o domínio dos instintos, “não havia nem mandamento nem interdição e, ainda nenhuma transgressão” (Kant, 2012, p. 24), mas a partir do momento em que a razão intervém, traz para a ação humana juntamente com a liberdade o surgimento do mal com o aparecimento de novos vícios que eram totalmente inexistentes naquele

estado de rudeza animal, conforme a afirmação do filósofo genebrino: “Tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem” (Rousseau, 1999, p. 7).

É nesse sentido que aqui verificamos as possibilidades da educação, como um processo humano que está na base desse progresso que vai do pior para o melhor a ultrapassar gerações em meio a erros e acertos como se fosse a construção de uma longa estrada onde cada geração que passa vai deixando o seu relevante legado para a continuidade da próxima que virá, numa cadeia sucessiva e progressiva, embora algumas vezes ocorra idas e vindas devido ao antagonismo entre cultura e natureza humana que é a raiz de todos os males que assolam a humanidade. No entanto, a cultura enquanto fim último atribuído à natureza para a humanidade impõe-se como uma forte possibilidade de solução ao enfrentamento do mal, desde que caminhe de acordo com os verdadeiros princípios da educação do homem e, ao mesmo tempo, do cidadão, que consta no desenvolvimento das disposições naturais da raça humana, a saber, prudência, técnica e moralidade, através de um longo processo. Eis aí a nobre e singela contribuição da educação para a humanidade.

2.2. História Universal Cosmopolita e a educação

Enquanto no primeiro período da história os homens e mulheres gozavam de paz e conforto, no segundo eles conheceram a discórdia e o jugo do trabalho que se deu com a evolução da vida selvagem de caçadores, onde predominava uma boa convivência, para uma vida voltada à agricultura e ao pastoreio, a ocasionar o conflito entre estas duas atividades, fator que fez com que agricultores e pastores se separassem e se espalhassem pela terra, a iniciar o terceiro período da história. Essa

nova fase é marcada pela união dos agricultores em prol da defesa de suas propriedades e plantações contra os caçadores e pastores, o que gerou as primeiras conglomerações que ao longo do tempo passam de aldeias para cidades. Além disso, com as primeiras trocas de produtos (como uma espécie de comercialização bem primitiva) surgem a cultura e as primícias da arte (fenômeno educacional), e, também os primeiros elementos da constituição civil e da justiça política (Kant, 2010). A mudança do direito natural para o direito civil, nesse período, marcou o início da desigualdade que gerou conflitos, guerras e intrigas. Porém, a natureza parecia saber o que estava a acontecer e dispunha de um plano para tal situação; a liberdade já estava latente no homem, caberia a partir de então ele encontrar mecanismos que o faça exercer boas escolhas afim de que sua vontade seja livre.

Os homens, enquanto indivíduos, e mesmo povos inteiros, mal se dão conta de que, enquanto perseguem propósitos particulares, cada qual buscando seu próprio proveito e frequentemente uns contra os outros, seguem inadvertidamente, como a um fim condutor, o propósito da natureza, que lhes é desconhecido, e trabalham para a sua realização, e, mesmo que conhecessem tal propósito pouco lhes importaria (Kant, 2016, p. 4).

A empreitada filosófica que busca descobrir na natureza um fio condutor da história que faça gerar um homem segundo esse propósito, é apresentada por Kant através de proposições. Podemos considerar que as quatro primeiras se referem ao desenvolvimento das disposições naturais do ser humano, enquanto as seguintes esboçam o problema do desenvolvimento de uma perfeita constituição civil cosmopolita, mas ainda com o escopo na abordagem da primeira parte das proposições.

Na primeira proposição, o filósofo afirmou que “Todas as disposições naturais de uma criatura estão destinadas a um dia desenvolver completamente e conforme um fim” (Kant, 2016, p. 5), de maneira que na sequência, fica bastante claro a confirmação dessa afirmação quando se

observa a anatomia dos animais. O homem que é o único ser racional a viver na Terra se diferencia bastante dos demais animais, tanto na forma anatômica interna quanto na externa, e especialmente por ser dotado de racionalidade. Ao refletirmos sobre essa sutilidade da formação estrutural do corpo humano, podemos perceber que embora a natureza pareça ter criado o homem com alguns “déficits” em relação aos outros animais, o dotou biologicamente de um cérebro com alta flexibilidade e com uma imensa capacidade evolutiva e de adaptação, através de mecanismos e funções que traz consigo a potencialidade de um constante desenvolvimento, o que difere totalmente dos outros animais. Isso nos leva a pensar que o ser humano já trouxe consigo a potencialidade de desenvolvimento da razão dada as devidas condições, conforme ocorreu, fato que Rousseau (1978) Chamaria de *perfectibilidade*. Logo, de acordo com as palavras do filósofo alemão: “Um órgão que não deva ser usado, uma ordenação que não atinja seu fim são contradições à doutrina teleológica da natureza” (Kant, 2016, p. 5), concluímos que somente a educação enquanto processo teórico e prático restrito ao ser humano, será capaz de fazer com que o principal órgão humano esteja ativo a cumprir a sua nobre função, e assim, a razão seguirá a desenvolver todas aquelas disposições naturais conforme a um fim.

No entanto, de acordo com a segunda proposição, e, conforme já comentamos, essa trajetória referente “aquelas disposições naturais que estão voltadas para o uso de sua razão devem desenvolver-se completamente apenas na espécie e não no indivíduo” (Kant, 2016, p.5). Nesta proposição observamos novamente a temática da educação implícita na reflexão sobre o desenvolvimento das disposições naturais proporcionadas pelo uso da razão. Sabemos que quando nos referimos à espécie humana, ou humanidade, estamos a tratar de um incontável número de homens e mulheres, ou seja de indivíduos que juntos formam a raça humana através de gerações, pois temos consciência de que o

indivíduo é mortal, enquanto a espécie é imortal. Se porventura o homem jamais tivesse saído daquele estado primitivo e não adentrado no mundo da razão, certamente não haveria necessidade de um processo educacional, pois não haveria nenhuma disposição a ser desenvolvida naquele estado de natureza onde a paz e o conforto imperavam cotidianamente, logo a humanidade jamais se desenvolveria ao melhor, e viveria amargar numa vida completamente enfadonha e entediosa. Porém, com a cisão entre instinto e razão, e com esta, o surgimento da liberdade da vontade, e, por consequência, o advento da vida em sociedade, fez-se necessário todo um processo educacional que auxiliasse a cultura a desenvolver aquelas disposições, a fazer com que cada indivíduo no seu respectivo grupo, receba os devidos ensinamentos e os repasse para as gerações futuras, visto que o indivíduo é mortal, mas o conhecimento não o deve ser, pois todo esse arcabouço produzido por cada geração deve ser repassado à seguinte nesse processo de erros e acertos de forma a desenvolver continuamente a espécie humana que é imortal.

Numa criatura, a razão é a faculdade de ampliar as regras e os propósitos do uso de todas as suas forças muito além do instinto natural, e não conhece nenhum limite para seus projetos. Ela, todavia, não atua de maneira instintiva, mas, ao contrário, necessita de tentativas, exercícios e ensinamentos para progredir aos poucos, de um grau de inteligência (*Einsicht*) a outro. Para isso um homem precisa ter uma vida desmesuradamente longa, a fim de aprender a fazer uso pleno de todas as suas disposições naturais; ou, se a natureza lhe concedeu somente um curto tempo de vida (como efetivamente aconteceu), ela necessita talvez uma série indefinida de gerações que transmitam umas às outras as suas luzes para finalmente conduzir, em nossa espécie, o germe da natureza àquele grau de desenvolvimento que é completamente adequado ao seu propósito (Kant, 2016, p. 5-6).

Sabemos que sem a educação esse processo criador da humanidade que estabelece a complementaridade do ser humano em relação à natureza seria impossível, pois não se constrói nenhum tipo de conhecimento a partir do nada, logo toda forma de conhecimento existente

foi herdada de outros anteriores que vem ao longo da história humana se aperfeiçoando, e o meio que possibilita esse avanço da humanidade é a educação.

O que permanece estranho aqui é que as gerações passadas parecem cumprir suas penosas tarefas somente em nome de gerações vindouras, preparando para estas um degrau a partir do qual elas possam elevar mais o edifício que a natureza tem como propósito, e que somente as gerações posteriores devam ter a felicidade de habitar a obra que uma longa linhagem de antepassados (certamente sem esse propósito) edificou, sem mesmo poder participar da felicidade que preparou. E por enigmático que isto seja, é, entretanto, também necessário, quando se aceita que uma espécie animal deve ser dotada de razão e, como classe de seres racionais, todos mortais, mas cuja a espécie é imortal, deve, todavia, atingir a plenitude do desenvolvimento de suas disposições (Kant, 2016, p. 7-8).

A natureza é muito mais sábia e de forma implacável trabalha ocultamente como um fio condutor a estabelecer direcionamento aos homens por caminhos que eles nem imaginam, pois o propósito da natureza segue desconhecido a eles, a promover passo a passo o progresso para o melhor. Assim, aquilo que em si mesmo é maléfico como todos os vícios adquiridos na vida em sociedade como, a vaidade, a inveja, o egoísmo, a ganância, a competição e as intrigas; promovedoras de toda a maldade existente, escondem o germe que transformará a sociedade em um todo moral. “Sem eles todas as excelentes disposições naturais da humanidade permaneceriam sem desenvolvimento num sono eterno” (Kant, 2016, p. 9).

Da mesma forma que a vida em sociedade possibilitou o nascimento de diversas instituições que surgiram com o papel de organizar o convívio humano a fim de estabelecer regras à liberdade e evitar o caos e a barbárie, a educação também surge com a missão de promover o desenvolvimento cultural e auxiliar aos homens a vivenciarem a sua liberdade de forma regrada de acordo com as leis sociais que tendem a controlar e impedir que cada indivíduo desrespeite a dignidade e

integridade dos seus pares, a fim de evitar, ou pelo menos minimizar a ocorrência de conflitos, de maneira que cada homem e mulher tornem-se cidadão e cidadã dignos de viver na cidade em harmonia com os demais. É claro que tal ideia não acontece de forma assim tão perfeita na prática, pois a educação também como uma “instituição” social formada por homens cheios de imperfeições e vícios, tende a ser também cheia de falhas. O fenômeno educacional ao longo da história também passa por diversas transformações, conforme o propósito da natureza como já vimos, aquilo que no início se dava de forma totalmente informal por meio da experiência e da oralidade, repassadas dos mais velhos para os mais novos, ao longo do tempo vai sofrendo alteração até ganhar uma estrutura formal e instituída que perpassa pelo ensino doméstico, através dos preceptores, até chegar aos mais variados formatos e ambientes específicos de ação pedagógica. Com efeito, a educação como toda instituição social formada por homens, será marcada por contradições e choques ideológicos entre as mais variadas correntes que vão surgindo de acordo com as demandas históricas e sociais de cada época, a fazer com que muitas das vezes o campo educacional se torne uma “arena de guerra”, contudo, esse antagonismo que em si aparenta ser prejudicial torna-se benéfico, conforme o plano oculto da natureza, a promover a evolução do processo educacional a contribuir com desenvolvimento das disposições naturais que torna possível o progresso da humanidade.

Provavelmente a educação se faz bastante necessária no estado de vida social, justamente para auxiliar, através da ação pedagógica, a conter os vícios oriundos do mau uso da liberdade, e ajudar a ordenar a sociedade de forma que cada indivíduo consiga exercer um bom uso da liberdade a fazer boas escolhas para que unidos em sociedade com os seus semelhantes possam usufruir ao máximo dessa liberdade em meio aos antagonismos, de modo que consigam conviver com a liberdade alheia. No entanto, tão importante quanto a educação, ou talvez mais importante

ainda, seja os mecanismos de elaboração de leis que propiciem o alcance de uma sociedade civil que administre universalmente o direito (KANT, 2016). Essa preocupação em relação desenvolvimento de uma perfeita constituição civil cosmopolita, será o principal objetivo das cinco últimas proposições do opúsculo *Ideia de uma História Universal de Um Ponto de Vista Cosmopolita*.

Lembremos que Kant afirmou que somente reunidos em sociedade a natureza teria as condições necessárias para promover o seu mais alto propósito, que é o desenvolvimento de todas as suas disposições proporcionada pela própria humanidade a si mesma. A educação e a cultura têm a missão de cumprir esse papel, mas somente a elaboração de “uma *constituição civil* perfeitamente *justa* deve ser a mais elevada tarefa da natureza para a espécie humana” (Kant, 2016, p. 10), essa é a condição *sine qua non* para a realização de todos os propósitos que a natureza tem para a humanidade. O grande problema para a concretização dessa empreitada, é que o homem sempre extrapola de sua liberdade, por isso é que precisa dessa força coercitiva que o limite ante suas atitudes, ou seja, a necessidade de um “soberano” que pode ser representado por um indivíduo ou um grupo, preferencialmente justo, coerente e reto em relação à sua forma de agir, no entanto o desafio está em encontrar tal representante que disponha dessas características visto que na espécie humana todos os indivíduos são falhos e imperfeitos, sempre a necessitar de alguém ou de algo que os controle em suas vontades a fim de que a convivência em liberdade seja possível. “Esta tarefa é, por isso, a mais difícil de todas; sua solução perfeita é impossível: de uma madeira tão retorcida, da qual o homem é feito, não se pode fazer nada reto. Apenas a aproximação a esta ideia nos é ordenada pela natureza” (Kant, 2016, p. 12).

3. O esclarecimento como possibilidade pedagógica para o progresso moral da humanidade

O filósofo Immanuel Kant carregou consigo, ao longo de toda a sua vida, o apreço pela capacidade que cada ser humano dispõe de pensar por si mesmo de forma autônoma devido a nessa condição poder usufruir de sua própria liberdade. Conforme já apresentamos na primeira sessão deste trabalho, aqueles seus professores da época estudantil, escolar e universitária, a saber, Johann Friedrich Heydenreich e Martin Knutzen, marcaram significativamente a sua trajetória tanto como estudante, quanto professor e pesquisador, pois foram grandes influenciadores no processo de sua construção pedagógica e, também, na sua forma de pensar, levando-o a prosseguir sua jornada filosófica nessa perspectiva. Foi a partir desta herança que o filósofo prussiano escreveu dentre tantos outros relevantes textos, após a Primeira Crítica, entre os anos de 1784 e 1786, o opúsculo: *Resposta à pergunta: Que é o “Esclarecimento”?* (*Aufklärung*), em 1783; que muito embora seja um texto curto, é um escrito de imensa grandiosidade em importância e significado tanto para aquele contexto histórico no qual foi produzido, quanto a todo período que o sucedeu.

3.1. O Esclarecimento segundo Kant

No texto do Esclarecimento Kant visualiza uma sociedade, que apesar do contexto de transformação em relação aos valores supracitados, ainda não é esclarecida, mas, está em processo de esclarecimento. Para o pensador de Königsberg o esclarecimento se dá quando o homem sai de sua menoridade, pela qual só ele é responsável. Nesse caso, para Kant, a menoridade significa a “incapacidade de fazer uso de seu entendimento

sem a direção de outro indivíduo” (Kant, 2013, p. 63). Ninguém é responsável por esse estado de menoridade em que o homem se encontra, visto que essa causa não consta na falta de entendimento ou falha de esquecimento, mas, da falta de decisão e coragem para sair desse estado “antinatural”, pois há muito tempo em que os homens foram libertos pela natureza de toda direção alheia. Logo, o esclarecimento para Kant se resume na máxima: *Sapere aude!* “Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento (*Aufklärung*)” (Kant, 2013, p. 64).

As causas desse estado de menoridade no homem, não são externas a ele, mas sim internas; como já foi afirmado, esse estado em que o homem se encontra não é de maneira alguma, imposição natural, pois o homem tem a capacidade de si guiar autonomamente. Segundo Kant, somente os fatores internos como a preguiça e a covardia são obstáculos ao processo de esclarecimento do homem. Assim, tornar-se-á propício que outros se apresentem de forma “obsequiosa” como direcionadores destes que abriram mão de pensar por si mesmos.

Outro fator importante no processo de esclarecimento, apontado por Kant, é a liberdade, ela é a porta de acesso ao esclarecimento na medida em que proporciona ao homem a possibilidade de fazer o uso público de sua razão. A limitação da liberdade constitui obstáculo ao esclarecimento e, de acordo com Kant, “Eis aqui por toda parte a limitação da liberdade” (Kant, 2013, p. 65), como é demonstrado nos seus três exemplos que mostram: o oficial, que diz, “não raciocinai, obedeçam”; o padre, “não raciocinai, creiam”; o conselheiro de finanças, “não raciocinai, pague”. Dessa forma, as autoridades que governam e, também, os governados, acreditavam que só poderia haver obediência onde houvesse ausência de raciocínio. Para Kant³ “Um único senhor no

mundo diz: raciocinai, tanto o quanto quiserdes, e sobre o que quiserdes, mas obedecei!” (Kant, 2013, p. 65).

Para Kant, o uso público da razão deve ser constantemente livre, e somente ele pode difundir o esclarecimento entre a humanidade. O uso público da razão é “aquele que qualquer homem, enquanto sábio, faz dela diante do grande público do mundo letrado” (Kant, 2013, p. 66). O uso privado, por não proporcionar esclarecimento para os homens, deve ser estritamente limitado, sem que se torne um obstáculo particular no que se refere ao esclarecimento.

Portanto, apesar das condições contextuais fornecerem muito mais oportunidades para um tempo de esclarecimento, em relação ao século XVIII, parece que a situação, em relação ao esclarecimento, permanece sem grandes avanços. Porém, devemos lembrar, que, segundo Kant, esse seria um processo realmente lento e que, portanto, atravessaria gerações, haja vista que tal processo não seria fruto de nenhum determinismo natural, mas uma conquista da própria liberdade humana. Tendo em vista que somente por meio da liberdade o homem poderá fazer boas ou más escolhas, ou seja, bem utilizá-la ou não, a educação se faz bastante necessária como condição de possibilidade para o esclarecimento.

4. Os fundamentos educacionais no pensamento kantiano

Quando pensamos em educação na perspectiva kantiana é muito provável que venha em nossa mente palavras ou termos chaves como: liberdade, exercício público da razão, esclarecimento e estado de maioridade; que certamente representam muito bem o que podemos chamar de fundamentos educacionais do pensamento de Immanuel Kant. Junto com estes termos e palavras, geralmente nos vem à ideia a figura de

um indivíduo adulto que por covardia ou preguiça abriu mão de pensar autonomamente para deixar-se ser conduzidos por terceiros. Essa reflexão tende a fazer com que na maioria das vezes esqueçamos do processo educacional das crianças que, embora necessitem do cuidado e do direcionamento dos adultos, não estão de nenhuma maneira excluídas de uma atuação pedagógica mais qualificada que possa trabalhar já desde o início da formação infantil a prática de pequenas regras para que cresçam e tornem-se adultos livres e autônomos, impelidos a praticarem a lei moral. Nessa última sessão, apresentaremos outros fundamentos pedagógicos que irão subsidiar desde o percurso humano mais tenro até a maioridade pedagógica, ou seja, o esclarecimento, como: educação física e educação prática. Antes, destacaremos algumas contribuições do filósofo Jean-Jacques Rousseau ao pensamento pedagógico de Immanuel Kant.

4.1. A influências educacionais rousseauianas no pensamento pedagógico kantiano

Sabemos que o filósofo de Königsberg era um grande admirador da obra rousseauiana, de maneira que segundo uma anedota bastante conhecida entre os estudiosos de Kant, conta que somente a leitura do *Emílio* foi capaz de interromper as suas caminhadas diárias pelas praças de Königsberg; se é verdade ou não, nunca saberemos, mas temos plena convicção da dessa frutuosa influência de Rousseau na filosofia de Kant (Dalbosco, 2011).

Para o genebrino, a educação que se propõe formar a criança, só obterá sucesso se se tornar próxima dela, isto é, adentrar ao seu universo através de suas experiências oriundas da sensibilidade, e não da

racionalidade, pelo menos num primeiro momento, porque toda criança antes de ser racional é um ser sensível, isto é, o sentimento nasce antes do pensamento. Por isso, a interação que a criança faz com o mundo através dos sentidos é muito mais educativa do que as abstrações racionais. A partir dessa experiência inicialmente prática através dos sentidos, a criança segue progressivamente o desenvolvimento da sua estrutura lógica e cognitiva de acordo com o momento adequado sem queimar fases. Caso ocorra o contrário, ou seja a imposição da razão teórica em detrimento à sensibilidade, ocorre uma invasão do mundo dos adultos no universo infantil, de maneira que tal intromissão tende a corromper a criança devido afastá-la do percurso natural da formação humana. Aliás, justamente por estar mais próxima ao estado de natureza, em relação aos adultos que já foram corrompidos pela sociedade, Rousseau defende a educação natural e negativa, a reivindicar que somente esse modelo pedagógico tende a preservar a criança enquanto tal.

Conhecer o bem e mal, sentir as razões dos deveres do homem, não é da alçada de uma criança. A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens [...] A infância tem maneiras de ser, de pensar, de sentir que lhes são próprias. Nada menos sensato do que querer substituí-las pelas nossas (Rousseau, 1992, p.75).

Na esteira de Rousseau o pensador alemão, Immanuel Kant, que era um grande leitor do genebrino, buscou unir educação e liberdade a fim de reforçar a atividade do aluno para que possa aprender a pensar por si mesmo. Essa ênfase na autonomia do pensar e do agir, assim como em Rousseau, era preocupação de Kant devido o risco de inculcação e adestramento das crianças desde cedo impossibilitando o desenvolvimento de um pensar livre. O filósofo alemão, também era a favor de uma educação laica e livre de influências religiosas, pois segundo ele, tais influências apresentadas na infância só serviriam para gerar a idolatria (Kant, 2012). Assim como Rousseau, a concepção pedagógica

kantiana serviu como parâmetro para novas propostas educacionais do século XX como o construtivismo e as reflexões acerca da moral.

Nas suas lições sobre a pedagogia, Kant apresentou diversas reflexões que em muito se coadunam com o pensamento pedagógico de Jean-Jacques Rousseau. Nestas lições o prussiano sai em defesa de um processo educacional que contribua com o melhoramento da humanidade a partir de procedimentos eficazes que proporcione um desenvolvimento profícuo das disposições naturais das crianças através do exercício da autonomia das mesmas através de suas próprias experiências no campo da prática, de forma natural sem o aparato excessivo de instrumentos artificiais que só atrapalham o desenvolvimento infantil. O educador deverá ser o mediador que auxilia e direciona todo o processo de aprendizagem a não permitir que o educando se perca ou se desvie da finalidade pedagógica esperada, e nem se machuque severamente ou ponha a sua vida em risco. Para Kant seria importante deixar as crianças aprenderem muitas coisas por si mesmas (Kant, 2012), de maneira que além do desenvolvimento da fala e da locomoção, ou seja, a parte física, aprendam a desenvolverem o pensamento autônomo, que está diretamente relacionado à parte prática que compõe a moral. A seguir, veremos que essa proposta de educação apresentada por Kant está baseada em alguns outros fundamentos pedagógicos importantes, como: o cuidado (educação física) e a formação (educação prática). Enquanto a primeira está relacionada ao desenvolvimento dos aspectos sensíveis como o corpo e os sentidos, a segunda é responsável pelo desenvolvimento cognitivo e moral do ser humano.

4.2. Educação física (natural)

Aqui verificamos muito claramente a influência rousseauiana no pensamento kantiano através da inversão do processo metodológico educativo, que prioriza o protagonismo do sujeito em relação ao conteúdo, conforme a proposta de sua revolução copernicana. Antagônicamente ao método escolástico que centrava todo processo pedagógico nos conteúdos e na figura do educador, nessa nova proposta de Kant, inspirada em Rousseau, o educando se vê como sujeito de sua própria aprendizagem através de um processo paulatino de desenvolvimento de sua razão que deve iniciar desde a infância. Nesse sentido, justamente por ainda não dispôr de aparato racional desenvolvido é que a prática educacional infantil deverá iniciar de forma natural pelos sentidos, até que de forma lenta e gradual, com a mediação do educador, aos poucos a criança consiga alcançar as formas abstratas de reflexão. “É de notar em geral que a primeira educação deverá ser meramente negativa, quer dizer, não é necessário acrescentar nada de novo, nem uma só coisa, à providência da natureza, mas permitir apenas que a natureza não estorve” (Kant, 2012, p. 32). Vale destacar que a educação natural através dos sentidos é apenas o ponto de partida para que a criança na fase adulta tenha condições de pensar por si mesma. Por isso é que a educação física antecede a educação prática devido ela está diretamente relacionada à infância no que se refere à sua formação.

É importante salientarmos que quando Kant se refere a educação natural através das coisas com a mínima intervenção artificial dos adultos, não significa que a criança está totalmente livre para fazer desenfreadamente tudo aquilo que estiver de acordo com a sua vontade, até porque ela ainda não dispõe de preparo suficiente para fazer boas escolhas devido ao seu livre arbítrio está em processo de formação.

Certamente a criança que não possui limites em relação às suas vontades corre um grande risco de ser um desastre para a sociedade que provavelmente tenderá a se transformar em um péssimo adulto. Em relação a esse fato, Kant afirma que: “O primeiro estrago, contudo, consiste em anuírmos à vontade despótica das crianças, ao deixarmos que elas consigam tudo o que querem com base na gritaria. Além de que é extremamente difícil reparar isso depois, e raramente se tem êxito” (Kant, 2012, p. 34-35).

Portanto, a educação física enquanto fundamento educacional se caracteriza por acompanhar a regularidade que se impõe naturalmente ao ser humano, especialmente na criança devido ao processo de formação da estrutura física do seu corpo, bem como o desenvolvimento sutil dos sentidos. Certamente essa regularidade que acompanha a criança serve como grandiosa ferramenta para o educador que a acompanha, desde que esteja bastante atento aos sinais indicativos fornecidos pela própria natureza, afim de que o educador não ultrapasse os limites naturais de desenvolvimento dos pequeninos para que estes sigam o percurso natural de desenvolvimento de suas capacidades cognitivas para posteriormente desenvolverem a dimensão moral.

4.3. Educação prática (moral)

Embora Kant tenha estabelecido nas suas lições sobre pedagogia, uma divisão da formação humana de maneira que cada uma delas ocupe especificamente a sua devida importância, na verdade ambas estão estritamente ligadas e dependentes entre si. Enquanto a educação física está direcionada à formação humana na fase infantil com cerne no fortalecimento do corpo e no esmero dos sentidos, a educação prática direciona-se ao desenvolvimento da intelectualidade humana pela razão e

consequentemente do desenvolvimento da moralidade. Nesta fase caberá a preocupação com os aspectos cognitivos que estabelecerá as condições de desenvolvimento da autonomia do pensar, do esclarecimento, da maioridade e do exercício público da razão em vista ao progresso moral da humanidade, ou seja, observamos aqui a elaboração de um projeto pedagógico muito bem organizado com princípio, meio e fim, enraizado lá na educação física no desenvolvimento das crianças, que se inicia com o cultivo do corpo e posteriormente o cultivo da cognição. Enquanto o primeiro está diretamente ligado à natureza, o segundo está relacionado à liberdade; sendo que este último fator torna-se fonte de muita complexidade em relação ao desenvolvimento da espécie humana.

Já percebemos que ambos os fundamentos pedagógicos da formação humana apresentados por Kant estão em profunda conexão que nenhum deles se sobressaia sobre o outro de maneira que estes como representantes do processo educacional kantiano são extremamente necessários para o desenvolvimento de todas as disposições do ser humano, embora não sejam suficientes. Mas, a partir daqui enfatizaremos a educação prática como processo primordial, por excelência, ao desenvolvimento moral humano.

No contexto da educação prática em relação à racionalidade destacam-se o entendimento, a razão, a memória e a imaginação, como forças que precisam ser constantemente desenvolvidas, especialmente o entendimento e a memória, devido ao primeiro possuir a capacidade de promover o desenvolvimento da capacidade humana de estabelecer julgamento; enquanto o segundo tende a guardar tudo o que é realizado, principalmente tudo aquilo que passa pelo entendimento. Por isso Kant, apesar de opor-se aos métodos pedagógicos de sua época, considera a importância da memória na educação das crianças, não como algo mecânico, mas como algo dinâmico e exercitável de forma prática. Da mesma forma, o entendimento também não deve ser um ato meramente

mecânico e autômato, mas sim, dinâmico e reflexivo, de maneira que a compreensão da regra enquanto elemento manifestado na prática, seja mais utilizado no nível da consciência do que da assimilação.

Isso significa que o desenvolvimento do raciocínio na criança deve ser guiado pelo exercício de construção de regras, e não iniciar pelo estudo memorativo delas. Ora, é essa compreensão educacional que conduz tanto Rousseau como Kant a romper com o intelectualismo pedagógico de sua época e apostar na eficiência pedagógica do jogo e da brincadeira para a construção progressiva da estrutura cognitiva da criança (Dalbosco, 2011, p. 115).

Assim, por intermédio desse projeto educacional tão robusto idealizado por Kant que visa formar a parte física do ser humano a proporcionar a fortaleza do corpo e o refinamento dos sentidos; enquanto a parte prática estabelece as condições adequadas para o desenvolvimento da dimensão cognitiva e moral de cada indivíduo, acreditamos que o longo processo de esclarecimento e moralização da espécie humana fica devidamente possível nesses parâmetros desde que ocorra um comprometimento coletivo entre todos. É óbvio que um acontecimento dessa dimensão que envolve toda a humanidade não acontecerá da noite para o dia, porém é de suma importância que uma proposta pedagógica como esta continue a ser fonte inesgotável de inspiração e reflexão da realidade de cada sujeito sobretudo em se tratando do fenômeno educacional e daqueles que lidam diretamente com ele em seu cotidiano na esperança de estarem fazendo a sua parte, mesmo que seja como um tijolinho na construção desse imenso ideal.

Portanto, consideramos que seja extremamente importante que todos tenham direito a usufruir de uma educação de qualidade, e é de suma importância que o Estado proporcione mecanismos eficazes que possibilitem uma educação que promova um pensamento crítico, livre, autônomo e qualificado afim de que a sociedade possa tornar-se um dia esclarecida. Porém, toda essa preocupação não deve estar centrada

exclusivamente nos indivíduos adultos, embora saibamos da relevância da educação deles para a participação livre e consciente na sociedade. Contudo, o que aqui estamos a defender é que as crianças também tenham prioridade em relação não só a investimentos, mas às práticas pedagógicas que as conduzam a cada vez mais a exercitarem a sua autonomia e o seu direito de pensarem livremente sem as amarras do mundo teórico dos adultos. Sabemos que graças as contribuições nascidas no período do Iluminismo, especialmente vindas das filosofias de Jean-Jacques Rousseau e de Immanuel Kant, as bases para a elaboração de diversas tendências pedagógicas progressistas que reconhecem o educando como ponto central do processo de ensino e aprendizagem foram construídas, de maneira que as reflexões e produções continuam em pleno vapor. O problema é que apesar de todo o debate realizado, a educação continua conservadora e de certa forma autoritária. Talvez o problema continua sendo a ausência de uma sociedade esclarecida que participe mais ativamente da construção. Por isso acreditamos que a reflexão da educação à luz do pensamento do filósofo de Königsberg, ainda tem muito a nos dizer e ensinar.

Considerações finais

Enfim, tentamos com este trabalho refletir um pouco sobre as implicações da educação para o progresso moral da humanidade segundo a perspectiva filosófica de Immanuel Kant, justamente por considerar que o pensamento deste grande intelectual de Königsberg que revolucionou a história do pensamento ocidental, continua sendo muito importante e significativo para a nossa reflexão e debates que se relacionam com as mais variadas problemáticas que afligem o nosso tempo dentro dos seus diversos temas que nos legaram valorosas contribuições no campo do

conhecimento, da ética, da estética, do direito, da política, da religião e também da educação. A nossa perspectiva neste trabalho foi justamente tentar resgatar a reflexão filosófica de Kant sobre educação como fonte inesgotável de inspiração diante das demandas problematizadoras que se apresentam no nosso cotidiano pedagógico conturbado desse país chamado Brasil; além de enfatizar a figura imponente de Kant como filósofo e também como educador e levantar esse debate acerca do seu projeto pedagógico, até por considerarmos que essa sua dimensão ainda é pouco explorada pelos estudiosos. É claro que nossa singela intenção aqui não é, de maneira nenhuma, esgotar essa dimensão pedagógica de Kant na qual defendemos que exista, nem muito menos transformá-lo em um teórico da educação, até porque seria uma espécie de imposição artificial.

Para cumprir com a nossa proposta, seguimos o seguinte percurso: primeiramente, estabelecemos uma compreensão da forma como se deu o desenvolvimento intelectual e pedagógico de Kant como estudante, professor e pesquisador; depois identificamos os aspectos educacionais contidos em sua filosofia da história; e em seguida refletimos sobre o seu conceito de esclarecimento como possibilidade pedagógica de contribuição para o progresso moral da humanidade; e finalmente demonstramos os fundamentos educacionais que poderão possibilitar as condições para o progresso moral da espécie humana que foram influenciados pelo filósofo suíço, Jean-Jacques Rousseau. O método com que trabalhamos foi a investigação bibliográfica fundamentalmente teórica, pautado na interpretação crítico/reflexiva através da análise hermenêutica e filosófica dos textos.

No primeiro capítulo consideramos muito interessante o fato de a educação ser algo próximo e ao mesmo tempo muito intenso em sua vida de maneira que ele jamais dissociou o seu trabalho enquanto filósofo do seu trabalho de educador, ambos caminharam juntas durante toda a sua vida profissional, de maneira que acreditamos que sua trajetória na

educação deva ter influenciado sua produção filosófica. Chegamos à conclusão que a temática educacional está de certa forma, latente em toda a sua obra, de maneira muito especial nos seus textos considerados populares. Isso se confirma plenamente na análise que fizemos dos seus textos que tratam da filosofia da história, a saber, *Começo conjectural da história humana* e *Ideia de Uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita*. Temos plena convicção de que estes textos não são direcionados para a educação, mas na nossa análise verificamos diversas referências sobre o processo educacional da humanidade especialmente no que se refere ao legado que cada geração deverá deixar a outra como processo contínuo no que tange ao progresso moral. Em relação ao texto do Esclarecimento, fica muito mais visível ainda a temática educacional. Neste opúsculo percebemos que o Esclarecimento é condição indispensável para o melhoramento da espécie, que para alcançar tal fim, conta com um processo educacional que ajude a promover o movimento de saída do homem do seu estado de menoridade para o estado de maioridade pedagógica, no qual poderá de forma livre e autônoma fazer exercício público de sua razão como um erudito colaborador da construção da sociedade moral. Nesse sentido, o educador deverá estar identificado com a figura do erudito que através do uso público da razão para contribuir com o melhoramento humano. E finalmente, no último capítulo, conseguimos demonstrar que além do esclarecimento, da maioridade pedagógica e do exercício público da razão; a educação física e a educação prática se apresentam de forma bastante profícua como possibilidade concreta de formação do homem desde a sua mais tenra infância até a vida adulta, iniciando por uma proposta educativa que cuida, no primeiro momento, da parte corporal e sensitiva; enquanto no segundo momento a educação prática cuida do desenvolvimento cognitivo e moral.

Portanto, é fato que o filósofo Immanuel Kant não está no rol daqueles pensadores que refletiram especificamente a educação enquanto

fenômeno da formação humana, é certo que ele não escreveu nenhum tratado referente a educação, porém, isso não é importante porque como já apresentamos, considerável parte de sua obra contém implicitamente questões importantes relacionada à educação, de maneira que Kant geralmente continua a compor as ementas dos cursos de licenciatura, assim como alguns autores e pesquisadores da área educacional reconhecem o significado da filosofia kantiana para a reflexão do processo educacional contemporâneo. É quase unânime entre os educadores o reconhecimento dos temas apresentados por Kant para o contexto reflexivo e prático do cotidiano pedagógico, dentre eles podemos destacar alguns que servem de fundamento para novas possibilidades de inspiração e produção intelectual em favor do universo educacional brasileiro, nos seus mais variados contextos e realidades existentes. Como exemplo, destacamos: esclarecimento, uso público da razão, estado de maioridade, autonomia, liberdade, educação natural, educação moral, disciplina, instrução entre tantos outros que aqui poderiam ser elencados.

Não se pode negar a importância da filosofia kantiana, especialmente no que se refere às suas abordagens pedagógicas, assim como a sua influência na reflexão educacional da contemporaneidade. Essa inspiração está diretamente relacionada ao pensamento de grandes teóricos e pensadores da educação contemporânea que declararam abertamente as suas influências em relação ao pensamento de Kant. Dentre eles destacamos alguns que beberam de sua fonte, como: Jean Piaget, Maria Montessori, John Dewey, entre outros que assim como estes, nos legaram o construtivismo como uma forma mais eficaz e moderna de se fazer educação. Além do mais, a reflexão educacional apresentada por Kant ajudou consideravelmente a dar início a um novo horizonte no que se refere à recuperação da infância dando ênfase à figura da criança, inaugurando uma nova era no pensamento pedagógico, que a partir do século XIX passou a valorizar a atividade da criança, inspirando a criação

da Escola Nova, das tendências não-diretivas e do surgimento da educação infantil (jardins de infância). Dessa forma a concepção pedagógica kantiana serviu como parâmetro para novas propostas educacionais do século XX como o construtivismo e as reflexões acerca da moral. A reflexão pedagógica iniciada na primeira metade do século XX, no Brasil, referente à Escola Nova, o construtivismo, a não-diretividade, a ênfase no educando, assim como a construção de uma escola laica, pública e gratuita, contou com raízes fecundas no pensamento iluminista de Rousseau e Kant, que serviram de referência para novas reflexões na educação brasileira.

Por fim, acreditamos que conseguimos alcançar o nosso propósito de levantar uma reflexão valorosa acerca das possibilidades da educação para o progresso moral da humanidade de acordo com o pensamento filosófico de Immanuel Kant. Ao longo deste trabalho vimos que a educação não foi algo secundário na vida do filósofo, muito pelo contrário, foi uma de suas grandes preocupações tendo em vista ao seu projeto de melhoramento e progresso moral da humanidade; inclusive próprio Kant afirmou que “O homem só se pode tornar homem através da educação. Nada mais o é do que aquilo em que a educação o torna” (Kant, 2012, p. 12). No decorrer de todo o nosso texto apresentamos várias reflexões fundamentais para se pensar a educação no contexto atual, inspiradas na proposta de Kant, pois certamente afirmamos que as possibilidades são infinitas. Provavelmente, este trabalho não conseguiu explorar integralmente todo o potencial que o pensamento filosófico de Kant apresenta para as questões educacionais mais profundas, no entanto não foi nossa intenção esgotar todas as possibilidades existentes na obra do filósofo de Königsberg, mas sim abrir caminhos para novos estudos e aprofundamentos no intuito de contribuir de alguma forma com o processo educacional de nossa realidade, através do uso público da razão. Diante de tantos conceitos importantes como os que apresentamos, talvez fica ainda

a dúvida sobre qual seria o mecanismo mais eficaz para os traduzirmos de fato na prática. Talvez uma atitude moral e política dentro do ambiente educacional a partir do pensamento estético de Kant, poderia ser uma possibilidade para uma investigação mais apurada.

Referências Bibliográficas

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

DALBOSCO, Cláudio. Kant & a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

KANT, Immanuel. A Religião nos Limites da Simples Razão. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1992.

KANT, Immanuel. Começo Conjectural da História Humana. Tradução Edmilson Menezes. São Paulo: UNESP, 2010.

KANT, Immanuel. Fundamentação da metafísica dos costumes. Tradução Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2007.

KANT, Immanuel. Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita. Tradução de Rodrigo Novaes e Ricardo Terra. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

KANT, Immanuel. Prefácio à segunda edição da Crítica da razão pura (1787). In: Textos seletos. Tradução de Raimundo Vier. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? (Aufklärung) In: Textos seletos. Tradução de Floriano de Sousa Fernandes. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

Luciano da Silva Façanha
Zilmara de Jesus Viana de Carvalho
Evilásio Barbosa da Silva

KANT, Immanuel. Sobre a pedagogia. Tradução de João Tiago Proença. Lisboa: Edições 70, 2012.

MENEZES, Edmilson. Apresentação. In: Começo Conjectural da História Humana. Trad. Edmilson Menezes. São Paulo: UNESP, 2010.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre as ciências e as artes. Tradução: Lourdes Santos Machado; Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado e consultoria de Marilena Chauí. 2. ed. Os Pensadores, São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. Tradução: Lourdes Santos Machado; Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado e consultoria de Marilena Chauí. 2. ed. Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou da educação. Tradução Roberto Leal Ferreira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou da educação. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.